

# ABERTO ESTÁ O INFERNO

## O NATURALISMO EM ANTONIO CARLOS VIANA

**SOUZA**, Daniella Vieira de

[dani-aju@hotmail.com](mailto:dani-aju@hotmail.com)

**PRIMO**, Lívia Santos

[livia-aju@hotmail.com](mailto:livia-aju@hotmail.com)

**FERREIRA**, Maria de Lourdes

[lurdinha.v3@hotmail.com](mailto:lurdinha.v3@hotmail.com)

**SANTOS**, Josane Cristina Batista (orientadora)

Mestre em Literatura Brasileira pela UFPB, professora do curso de Letras da  
Universidade Tiradentes.

[josaneibt@gmail.com](mailto:josaneibt@gmail.com)

### RESUMO

O presente trabalho realizou uma análise espaço-temporal dos elementos naturalistas contidos na obra *Aberto está o inferno*, do escritor contemporâneo, o sergipano, Antonio Carlos Viana. Todavia, para compreensão de sua obra, fez-se um breve levantamento histórico dos primeiros textos que continham estes elementos e, concomitantemente, tomando-se como referencial teórico-analítico, foram utilizados três contos do livro: *Ana Frágua*, *Barba de arame* e *As meninas do coronel*. No decorrer da leitura, identifica-se o erotismo como o cerne da temática, entre outros, a descoberta do sexo de forma brutal, o cenário de miséria, os quais os personagens estão inseridos, assim como a sua linguagem coloquial tão características do naturalismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Erotismo, naturalismo, contos.

## **ABERTO ESTÁ O INFERNO: O NATURALISMO EM ANTONIO CARLOS VIANA**

Este trabalho tem como proposta a análise baseada na obra de Antônio Carlos Viana: **Aberto esta o inferno** assim como o estudo analítico dos contos *Ana Frágua*, *Barba de Arame* e *As meninas do coronel*. As questões discutidas giram em torno dos contos terem características do naturalismo.

O Naturalismo acredita que o homem é o produto do meio, a perspectiva de Charles Darwin inspirava os naturalistas. Estes desenvolvem temas voltados para análises patológicas do homem, suas taras sexuais. Os naturalistas abordam a existência humana por um olhar materialista, o homem sendo encarado como um produto biológico que age a partir dos seus instintos, a ponto de ser comparado com os animais.

A escolha desses três contos visa analisar a presença do erotismo, uma marca constante na obra dos naturalistas, como também observar o meio no qual as personagens estão inseridas.

O presente trabalho também aborda a importância do marquês de Sade para a Literatura, uma vez que ele foi o precursor da literatura erótica. Seus contos foram bastante criticados pela sociedade da época e devido a ele surgiu o termo sadismo, uma vez que ele sentia prazer em ver o sofrimento alheio nas relações sexuais.

Em síntese, usamos vários autores para analisar os contos e situá-los sob um ponto de vista dos naturalistas, suas características e mostrar que uma tendência que surgiu no século XIX ainda seduz autores contemporâneos com seus temas polêmicos que ao mesmo tempo choca e atrai o leitor.

O século XIX foi marcado pelo capitalismo industrial. Nessa época, houve surgimento do proletariado e da burguesia, as ciências estavam no auge, o Positivismo de Comte, o Determinismo de Taine, o Evolucionismo de Darwin, o Marxismo de Marx e a Psicanálise de Freud. E, graças às mudanças ocorridas no contexto histórico mundial, os naturalistas foram impulsionados pelas ciências e começaram a analisar o comportamento humano e social em busca de soluções.

O Naturalismo surgiu na França, no ano de 1870, com a obra *Germinal* de Émile Zola. O livro abordava as péssimas condições de vida dos trabalhadores das minas de carvão na França, no século XIX.

O Naturalismo é considerado uma ramificação do Realismo em que uma das suas principais características é retratar a sociedade de uma forma bem objetiva. Os naturalistas abordam a existência humana através dum olhar materialista. O homem é visto como sendo um produto biológico, ele atua de acordo os seus instintos chega a ser comparado aos animais.

A narrativa é feita de uma forma lenta e descritiva, retrata o amor carnal, a sua linguagem é clara. Os naturalistas possuem uma visão biológica do mundo, o autor era apresentado como um cientista social, o Determinismo regia suas obras. Merecem destaque nas obras naturalistas os aspectos sórdidos da condição humana. Segundo eles, o homem é corrompido moralmente e economicamente. Os romances naturalistas possuem grande número de personagens e existe uma análise com relação aos desvios de comportamento, assim como também, não há preocupação com a moral, o instinto prevalece sobre a razão.

Ainda, segundo o Naturalismo, o homem é dotado de livre-arbítrio, ele é visto como uma máquina guiada por vários fatores entre eles: leis físicas e químicas,

hereditariedade e o meio social. Para os naturalistas, o homem não passa de um brinquedo nas mãos do destino e deve ser estudado cientificamente.

A principal característica do Naturalismo é o cientificismo exagerado e isso transformou o homem e a sociedade em objeto de experiências. As descrições são minuciosas, a linguagem é simples, os temas preferidos dos naturalistas são: a miséria, adultério, crimes, problemas sociais, taras sexuais.

O naturalista explora os temas patológicos como forma de analisar tudo de podre que ocorre na sociedade sem se preocupar com a reação do público. Quando o naturalista analisa os problemas sociais ele mostra uma vontade de modificar a sociedade, ou seja, denunciar seus problemas.

No Brasil, o Naturalismo conquistou vários seguidores entre eles Aluisio de Azevedo. Ele foi o pioneiro, deu início ao movimento com a publicação em 1881 com o romance *O Mulato*.

Essa corrente naturalista nasceu paralelamente ao Realismo e ao Parnasianismo. O Naturalismo foi levado até as últimas conseqüências. No campo da prosa, os autores adotaram uma linguagem científica, a sua tese era de que a natureza e a sociedade pesavam sobre o homem, ou seja, ele era produto do meio, as forças naturais influíam no seu comportamento social, suas taras, instintos, educação.

Também se encontravam presentes nas obras os conflitos, situações anormais, desfechos catastróficos, pessimismo, a observação se dava através de método científico, impessoal e objetivo. A sua teoria era de que a arte devia se conformar com a natureza, utilizar os métodos científicos de observação e experimentação.

Embora a tendência naturalista tenha surgido no início do século XIX, na atualidade, encontramos autores contemporâneos que preservam as características dessa

tendência. Em suas obras, a presença do erotismo é constante fazendo com que seus livros sejam considerados pornográficos.

Esse desejo de se perder, que trabalha intimamente cada ser humano, difere, entretanto, do desejo de morrer na medida em que ele é ambíguo: trata-se, sem dúvida do desejo de morrer, mas é, ao mesmo tempo, o desejo de viver nos limites do possível e do impossível. (Bataille, 1987, p.223).

O significado da palavra erotismo provém do latim *eroticus* e do grego *erotikós* que se refere ao amor sensual. É a poesia de amor. A palavra grega faz alusão ao nome Eros, o deus grego cupido do amor, que graças as suas flechadas unia os corações.

O erotismo também está presente nas obras literárias. Seu precursor foi o francês Donatien Alphonse François, o marquês de Sade (1740-1814). Ele foi considerado um escritor libertino na sua época, e muitos dos seus livros foram escritos quando ele estava no sanatório. Graças a ele surgiu o termo sadismo que significa perversão sexual, obter prazer na dor física ou moral do seu parceiro. O marquês pagou um preço muito caro, ficou anos preso por libertinagem excessiva:

A libido está em todo lugar, e ela é sempre maior do que si própria. Sade certamente antecipou uma grande verdade. Ele sabia que as “perversões” que são vulgarmente consideradas como monstruosidades morais ou defeitos psicológicos na verdade concerne o que agora seria considerado intencionalidade. Ele entendeu, também, que nossos gostos são motivados não pelas qualidades intrínsecas, mas da relação do último com o objeto. (BEAUVOIR, 1972, p.74)

Freud afirma que o sadismo está presente em pessoas normais uma vez que a sexualidade exhibe uma mescla de agressão. Ele afirma que o constitui em sintomas patológicos e é a exclusividade da satisfação da pulsão sexual esse elemento agressivo.

“Ou seja, quando há características de exclusividade e fixação então nos vemos autorizados, na maioria das vezes, a julgá-la como um sintoma patológico”. (Freud, p. 153).

Apesar dos estudiosos darem como marco inicial da literatura erótica com Sade, muito antes na Bíblia, no livro de Gênesis, onde se faz referência a Adão e Eva, mostra que estes, após comerem o fruto proibido, se esconderam de Deus por que estavam nus, ou seja, a concepção de que nudez é pecado, um ato de transgressão, surgiu na era Cristã. Como exemplo cita-se: “E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me.” (Gênesis, 3,10).

Durante séculos o sexo foi um grande inimigo, um aliado do demônio. Santo Agostinho condenava o prazer até no casamento. Segundo ele a Bíblia ensinava apenas a crescer e a multiplicar, assim sendo o cristão não tinha que ter prazer sexual, o marido e a mulher deviam cobrir-se inteiramente na hora da relação sexual, deixando apenas duas aberturas adequadas ao ato de procriação. Segundo ele o resto o levava ao inferno.

Os desejos da carne passam a ser vistos como uma doença da alma que é preciso extirpar para salvá-la da danação. Daí que, em vez do domínio de si, o Cristianismo recomende aos fiéis a renúncia de si, a abdicação dos desejos em nome de uma pureza cujo modelo é a virgindade. Sob a égide do mito da Virgem procriadora, mas de todo dessexualizada, a carnalidade feminina é desterrada para a ordem do demoníaco. (Paes, 1990, p.18).

O erotismo é um tema que sempre se fez presente na literatura desde os textos mais antigos, que mesmo com a repressão e perseguição sofridas às bruxas e demônios a tradição da literatura erótica conseguiu manter-se na clandestinidade na Idade Média e perdura até os dias atuais. Essa temática, por um lado, aguça nossos desejos e, por

outro, causa espanto em muitos leitores que, ao se depararem com as obras, passam a rotulá-las como pornográficas e acabam censurando-as.

O erotismo pode vir marcado de maneira explícita, com objetividade ou pode aparecer sutilmente, com uso de metáforas, implicitamente. Por determinadas vezes o texto erótico é criado para denunciar acontecimentos sociais, destacar as necessidades humanas de conhecer as diversas representações sexuais e também romper as barreiras do falso moralismo.

Seduzido pelas características do Naturalismo, assim como pela temática do erotismo temos o escritor contemporâneo Antônio Carlos Viana. O contista nasceu em Aracaju, no ano de 1946. Fez seu mestrado em Teoria Literária na PUC-RS, é doutor em Literatura Comparada pela Universidade de Nice (França) e foi professor pela Universidade Federal de Sergipe. Começou a escrever contos na década de 1970 usando como cenário o Nordeste e a paisagem européia. Além de contista também é tradutor. É autor de *Brincar de manja*, *Em pleno castigo* e os livros de contos *O meio do mundo*, *O meio do mundo e outros contos* e *Aberto está o inferno*. Seu conto *O meio do mundo* já foi adaptado para o cinema, transformando-se num filme de curta-metragem, pelo diretor paraibano Marcus Vilar.

Viana é um escritor culto, sendo mestre em teoria literária pela PUC e doutor em literatura pela universidade de Nice, França. Enquanto ficcionista, é um dos autores mais conceituados da cidade, principalmente na esfera da elite intelectual, como demonstra o interesse que suas obras despertam na talentosa contista Lara Aguiar, como ainda no rigoroso crítico Jackson da Silva Lima, para quem Antonio Carlos Viana trabalha o conto com maior competência que muitos nomes nacionais. (Jornal da cidade, 2008).

As obras de Antonio Carlos Viana são marcadas pelo erotismo, tema que por um lado encanta e instiga leitores e por outro, choca a sociedade brasileira. Sociedade esta

que pode deparar-se com sexo na TV, mas critica obras literárias que retratem este tipo de assunto, rotulando-as de pornográficas. Exemplo do que ocorreu com Nelson Rodrigues ao lançar sua peça *Álbum de família* e com o próprio Antonio Carlos, quando teve sua obra *O meio do mundo e outros contos* indicada para vestibular. *Aberto está o inferno* também segue essa temática, na qual alguns contos abordam o sexo de forma implícita, sugerido nas entrelinhas, com metáforas, e em outros é exposto de forma direta, com o uso de palavras contidas no vocabulário diário de todo ser humano, é o que ocorre em *Ana Frágua*, *Barba de Arame* e *As meninas do coronel*. Ou ainda, pode apresentar-se dos dois modos, num mesmo conto.

*Aberto está o inferno* é uma produção literária que destaca a realidade social do homem, trazendo para o mundo da literatura assuntos que não são aceitos pela sociedade e que por diversas vezes, quando abordados apareciam de maneira disfarçada para não chocar as pessoas que pregam a moral e os bons costumes. É com base no caráter naturalista, de retratar a realidade humana com suas mendicâncias e desejos, que o contista apresenta ao leitor a ânsia pelo sexo (*Ana Frágua*), o abuso sexual nas crianças menores (*As meninas do coronel* e *Barba de arame*), a religiosidade e a ingenuidade (*Barba de arame*), sem esquecer o erotismo marcante que circunda os três contos referidos e estende-se por toda sua obra. Um erotismo que surge junto à degradação e redimensiona o fio narrativo das histórias.

Toda a miséria e erotismo descritos nos contos analisados se resumem ao título *Aberto está o inferno*, pois o mesmo infere o sentido de que o inferno é uma dimensão terrena, a qual compete aos humilhados e ofendidos de sempre, que aumentam o número do desemprego e os índices de mortalidade infantil no país e no mundo. O inferno está aberto e todos podem presenciar os infortúnios humanos, no qual vivem pessoas sem esperanças de um mundo melhor. O título lembra ainda a passagem bíblica



do livro de Jó, 26,6 “Aberto está o inferno, e não há véu algum para a perdição”. Esta passagem abre a prosa de Viana como epígrafe e representa a intertextualidade contida na obra.

A linguagem em *Aberto está o inferno* é mais um aspecto enriquecedor da obra de Viana, uma vez que a mesma traduz e reforça a tendência naturalista desenvolvida na prosa. A simplicidade e a escolha das palavras certas para tratar das questões relacionadas ao sexo e das pessoas miseráveis tornam a sua criação uma leitura extremamente atraente. É também essa linguagem objetiva e crua que vai revelar aos olhos do leitor os tipos de personagens inseridos nos contos, uma vez que a maioria delas representa os massacrados da sociedade brasileira. Quanto à narrativa nua e crua o autor diz “Eu não alivio a barra,...”. (REVISTA ÉPOCA, 2004). Linguagem cruel marcante em *Barba de arame*:

Ela queria uma latrina, a coisa que mais queria na vida, ela e sua mãe, que vivia pelo mundo da maré para arrumar comida pras duas. Já não agüentava mais comer maçunim e caranguejo. Estava ficando uma mocinha e tinha vergonha de cagar no descampado com os pés quase dentro da água podre, de fazer todas as necessidades assim em campo aberto, correndo quando via alguém, como naquela manhã quando ele a viu mijando na beira do mangue. (VIANA, 2004, p. 40)

Como personagens da sua narrativa o autor abrange, principalmente, as pessoas marginalizadas e simples, os menos favorecidos e até mesmo aqueles que certamente só aparecem nas notícias policiais, de jornais e TV, sem esquecer os que compõem a classe média brasileira. Essas personagens representam os diversos aspectos humanos, como as fraquezas, desejos, ingenuidade, medos, angústias, loucuras, vaidade, explorações, pecados. A miséria cerca as narrativas de Viana, ilustrando as dificuldades da população menos favorecida do país. Aquela cujos dias são destinados a buscar formas de

sobrevivência. Na prosa, o nível de pobreza é intenso e as personagens não são poupadas, o autor não demonstra piedade para tornar a sua ficção numa realidade, é a preocupação com a verossimilhança.

Durante a apreciação dos contos, o leitor vai se deparando com palavras e expressões do tipo “*foder*”, “*sair todo esfolado e sangrando depois de tanto socavão*”, “*pau muito gostoso*”, “*pincelar os pentelhos que ia raspando lento*”, “*xibiu de anjinho*”, que permeiam os contos e retratam a criação erótica de forma explícita, como também encontrará cenas que ilustram um erotismo subentendido “Puxou-o para cima dela e o conduziu pela primeira vez por caminhos escuros, mas ele nunca viu tanta claridade numa escuridão”. (VIANA, 2004, p. 13)

O fragmento acima retrata a sutileza com que o autor expõe a primeira vez de um garoto com uma prostituta, a personagem título do conto, Ana Frágua. Nesse trecho as metáforas “caminhos escuros” e “tanta claridade numa escuridão” foram usadas para esboçar a iniciação sexual e o prazer que o menino acabara de ter. Todo o contato com o sexo acontece num ambiente marcado pela pobreza e decadência percebidas à medida que o jovem aproxima-se e entra no local desejado. A pobreza aqui apresentada vem reforçar uma das características do naturalismo que é a de trazer para o mundo literário as personagens marginalizadas e a vida dos miseráveis.

(...) Entre uma nuvem de moscas, três criancinhas sujas de terra e um porco sujando uma lata de lavagem bem pertinho delas. Deviam ser filhos das putas. Olharam para ele tristes e remelentos, algumas costelas de fora. Ele foi entrando pelos fundos, vendo que a casa tão famosa era bem mais pobre que a dele, nem sentina tinha. (VIANA, 2004, p.)

A verossimilhança se faz presente em Ana Frágua com a história do garoto que vai ao prostíbulo para se fazer homem, traduzindo então, o que acontece na sociedade

machista brasileira. Na qual se coloca que um menino não pode passar da adolescência sem ter consumado sua primeira relação sexual, e se não a faz com pessoa íntima vê-se obrigado a recorrer as “mulheres de vida fácil”, buscando manter sua reputação, como ser másculo, perante o pai e amigos.

A sutileza do texto erótico ainda marca presença no conto *Barba de Arame*, no qual ocorre uma mistura de inocência e religiosidade. Na esperança de ter uma latrina em casa, uma inocente garota deixa-se enganar por um homem desconhecido que promete atender ao seu pedido. Dessa forma ele a conduz para o sexo, mesmo sem a jovem ter noção do que está fazendo. A todo o momento, a jovem o compara com Jesus- Deus da folhinha de sua casa devido à semelhança do mesmo. É a presença da religiosidade exposta através dos olhos de uma inocente:

(...) “Feche os olhos”, ele disse, e só os abrisse quando ele mandasse. Assim fez. As mãos dele escorregaram pelas suas pernas e ela nem teve medo. Ele meteu a mão pela perna dela e ela com os olhos um pouquinho abertos se lembrou do anjo Gabriel de outra folhinha com sua espada erguida. Ele disse que ela não tivesse medo, que era normal tudo que acontecia entre um homem e uma mulher. (...) Ele fez umas coisas diferentes da outra vez e ela só não gostou do visgo que ficou entre as pernas.  
(VIANA, 2004, p. 42)

A pobreza também é uma temática marcante nesse conto, uma vez que mãe e filha vivem em condições precárias, buscando na natureza alimentos para suprir a fome. Nesse retrato da miséria, lhes faltam um ambiente decente para fazerem as necessidades fisiológicas, por isso a menina sonha ter em sua casa um banheiro, onde pudesse “cagar” à vontade. E diante de sua ingenuidade tem a virgindade roubada por um homem que jamais havia visto. Esta ficção é o retrato do que acontece às adolescentes

brasileiras que são exploradas sexualmente, sendo iludidas por promessas masculinas ou em busca de algum “trocado”.

O erotismo também ocorre sutilmente na maior parte do conto *As meninas do coronel*:

Passado o primeiro susto, a menina se entregava à sorte, ao deus-dará, e já se escorria toda nos dedos do coronel, e toda se contorcia e até ria das graças que ele ia falando, que cajarana era fruta que ele nunca chupava, gostava de sapoti para afundar bem a boca... (VIANA, 2004, p. 152).

E ainda:

Depois do trabalho pronto, a língua vistoriava as pontas mais atrevidas... E lá vinha lambe-lambe, língua mole viscorenta, pedindo que a menina se conservasse quieta... Aos poucos, aos pouquinhos, os dedões de cada lado da pomba bem depenada, escancelavam com gosto, o repinicar da língua na flor de açucena aflita, o roxo se transformando no vermelho luminoso da romã recém-aberta, a quentura almiscarada que ele sorvia lento, seu mel de arapuá, “é hoje que me acabo”, sem paletó, sem camisa, o anum se desfazendo de sua plumagem negra mostrando o branco peito, “paciência, viu, filhinha”, afastando a mão afoita que tateava nas calças em busca do escondido... (VIANA, 2004, p. 152-153).

As metáforas “*que cajarana era fruta que ele nunca chupava*”, “*pomba bem depenada*”, “*flor de açucena*”, “*romã recém-aberta*”, “*anum se desfazendo de sua plumagem preta*” estão contidas na narrativa para descrever o momento em que o velho está a sós com uma jovem prostituta, depilando-a com o intuito de deixá-la pronta para o sexo. Nesse conto, *As meninas do coronel*, Viana retrata a história de um coronel, que na sua viuvez, frequenta um bordel buscando satisfazer seu desejo sexual. E sua preferência é pelas funcionárias mais jovens, principalmente as com face angelical, um retrato da pedofilia e do abuso sexual relevados pelo poder que o dinheiro proporciona.

As produções citadas acima são narradas em terceira pessoa, de maneira linear, seguindo um tempo cronológico. Assim vai se construindo o início, meio e fim de cada história. São narrativas envolventes, constituídas com uma linguagem que espelha rigorosamente o ambiente e o modo de vida das personagens, e que, sobretudo, prende o leitor durante toda a leitura da obra. As temáticas contidas nos contos refletem o naturalismo, uma vez que essa tendência literária traz para as artes desejos humanos, instintos, miséria, o lado animalesco do homem e a influência do meio sobre o mesmo, a desmistificação das personagens, onde elas agora são comuns, pobres e feias “... mas quando pensava em Ana Frágua, aquela mulher envelhecendo, mais de quarenta anos, o coração do menino se confrangia,...” (VIANA, 2004, p. 11)

Para o contista Edgar Allan Poe o conto é:

...produto também de um extremo domínio do autor sobre os seus materiais narrativos. ..., como toda obra literária, é um trabalho consciente, que se faz por etapas, em função desta intenção: a conquista do efeito único, ou impressão total. Tudo provém de minucioso cálculo. (GOTLIB, 2002, p. 34)

Através desse pensamento de Poe percebe-se que Antonio Carlos Viana se enquadra com maestria nessa perspectiva de criação do conto, pois com o mínimo de elementos ele alcança o máximo de efeitos, originando no leitor uma satisfação exorbitante. Não há sobras, nem falta, o texto é perfeito. É a totalidade de efeito ou a unidade de impressão, defendidas por Poe, que se consegue ao ler o texto de uma só vez, sem interrupções, na dependência direta.

Delimitou-se nesse artigo analisar na obra de Antônio Carlos Viana contista naturalista contemporâneo. Com a leitura dos contos, pôde-se perceber a presença do Naturalismo através do erotismo, da condição de miséria na qual as personagens se encontravam, assim como a linguagem coloquial que o autor usa em seus textos.

A literatura erótica no Brasil teve grande obstáculo pela frente, devido a moral e os bons costumes que regiam o país, por isso ela sempre foi classificada como uma subliteratura. Ela existiu nos séculos passados de uma forma clandestina, seus autores se escondiam atrás dos pseudônimos, foram raras as ousadias eróticas no começo do século.

Os escritores naturalistas, influenciados pelo determinismo de Darwin, acreditam que o homem é produto do meio, o cenário usado como pano de fundo pelos escritores naturalistas está sempre voltado para a subcondição humana na qual o homem está inserido. Os cenários são sempre sujos, pessoas simples cercadas por grande pobreza. Nos contos de Viana todas as personagens vivem rodeadas pela pobreza. Em *Ana Frágua e Barba de arame* ele descreve a miséria na qual as personagens se encontram. Já em *As meninas do coronel* nos deparamos com outra realidade, crianças que se prostituem para garantir sua sobrevivência, nos deparamos com a pedofilia um tema tão atual na sociedade.

Viana ao mesmo tempo em que seduz o leitor, assusta com suas temáticas. Ele toca na ferida da sociedade, trata abertamente em seus contos de temas que a sociedade faz questão de esquecer. Nos contos escolhidos presenciamos a descoberta do sexo de crianças que vivem na pobreza dos interiores do Brasil. Na atualidade, vemos diariamente notícias nos jornais de crianças que se prostituem para sustentar a família, pedófilos que enganam e abusam de crianças, e pais que muitas vezes levam seus filhos para os bordéis, para assim darem início a sua vida sexual.

Embora Viana seja autor contemporâneo, presenciamos na sua obra características da tendência naturalista, propostas ainda no século XIX, em que o homem é retratado de uma forma animalésca. A sua forma de descrever os fatos faz com que o leitor presencie a cena, o ambiente no qual os fatos acontecem. O escritor

sergipano é um mestre em escrever contos, com sua escrita minuciosa ele despe o Nordeste brasileiro. Com suas temáticas polêmicas ele mostra que o inferno é o mundo em que vivemos, em meio a tantas desigualdades sociais. Mundo esse que as crianças são tratadas como bichos perdendo sua infância, descobrindo cada vez mais cedo o sexo de uma forma brutal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BATAILLE**, Georges. *O erotismo*. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 1987. (Tradução de Antonio Carlos Viana).

**BÍBLIA**. Português. 2000. *A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento*. São Paulo: Geográfica, 2000. (Traduzida por João Ferreira de Almeida)

**FREUD**, Sigmund. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. In: *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

**GOTLIB**, Nádia Battella. *Teoria do conto*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2002.

**MENGOZZI**, Frederico. “Visão do holocausto: dois autores, uma gaúcha e um sergipano, cada qual com seu estilo, recriam a realidade cruel”. *Revista Época*. São Paulo, 334. ed. out., 2004.

**PAES**, José Paulo. “Erotismo e poesia dos gregos aos surrealistas”. In: *Poesia erótica*. São Paulo: Companhia das Letras. (Tradução de João Paulo Paes).

**VIANA**, Antonio Carlos. *Aberto está o inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.



# ANEXOS

## ANA FRÁGUA

Todos os seus irmãos já tinham ido, menos ele. Quando falavam, contavam maravilhas. Que tinha uma lourinha, já imaginou?, uma lourinha, ali onde só havia gente de pele encardida, queimada do sol que ardia forte desde as primeiras horas do dia. Miro o irmão mais velho, ficava dizendo que ele tinha de perder a donzelice com Ana Frágua, uma amazonense sabida que nem o cão, de olhar de mãe e cu de puta, uma fornalha entre as pernas. E naquelas brincadeiras pesadas faziam que iam apalpá-lo para ver se ele tinha ficado teso. Ficar até que ficava, mas quando pensava em Ana Frágua, aquela mulher envelhecendo, mais de quarenta anos, o coração do menino se confrangia, e se lembrava da mãe que nem conhecera. Ana Frágua vinha nos sonhos, toda nuazona, toda aberta igual à munã, porque ele já sabia de muita coisa. Também tinha os irmãos, que falavam tudo. Faltava só coragem e juntar uns trocados porque tinha de pagar fosse quanto fosse que ela não ia fazer de graça. Depois podia ir cobrar na casa dele e aí a vergonha ia ser grande. Ia pegar uns carretos e, com o dinheiro que conseguisse ganhar, um dia ia comer Ana Frágua.

Depois de um sábado bom de feira, o menino tomou coragem e foi. Fez um arroteio medonho pra ninguém ver ele entrando direto na casa das perdidas, como diziam. Tinha sempre alguém de olho. O sol batia a pino quando ele entrou pelos fundos da casa tão acabada. Fácil, muito fácil. Foi só arrepanhar um fio de arame e entrou. Entre uma nuvem de moscas, três criancinhas sujas de terra e um porco sujando uma lata de lavagem bem pertinho delas. Deviam ser filhos das putas. Olharam para ele tristes e remelentos, algumas costelas de fora. Ele foi entrando pelos fundos, vendo que a casa tão famosa era mais pobre que a dele, nem sentina tinha. Na dele, pelo menos tinha aquele cercadinho onde se podia cagar à vontade sem medo de ser visto. Ali era

tudo no monturo mesmo. Um merdeiro sem fim que contribuía para aquele futum que cobria o lugar quando o sol ardia feio. O menino foi entrando, foi entrando e tudo deserto, as mulheres ainda deviam estar dormindo. Passou por um quarto sem porta, onde uma cortininha de contas sem brilho nem balançava, a falta de vento naquele lugar abafado.

Tudo deserto. Deviam ter ido pra cidade. Diziam que tinham de fazer exames de vez em quando por causa de uma doença que matava quem pegasse. Estava olhando um quadro de santa Teresinha quando tomou o maior susto. Pela porta da frente, ela, Ana Frágua, com vestido de ir ao comércio, estampadão, cobrindo tudo, ela, a quem ele sempre via com decotes que deixavam quase escapar os peitos, num deles uma pinta escura que chamava a atenção. Ana Frágua também se assustou com ele, mas logo o reconheceu: “Você não é o irmão de Miro?”. O menino balançou a cabeça, engoliu em seco e ela: “O que ta fazendo aqui a essa hora?”. Ele se atrapalhou todo, não sabia o que falar e, com uma coragem que nunca pensou que fosse ter, disse: “Vim foder com a senhora”. A mulher não esboçou nem riso nem raiva, não ficou com cara de ofendida, apenas passou o lenço na boca e disse: “Me espere no quartinho da frente enquanto tiro essa roupa quente”.

O menino foi lá pra dentro e o quarto só tinha uma cama com um lençol e uma mesinha-de-cabeceira com uns potes de creme em cima. Na parede, nenhum santo. Enquanto ela não vinha, ficou se alisando e viu que não ia passar vergonha. Ao entrar no quarto, só de japonesa, o lenço sempre na boca, disse: “Só não pode se balançar muito que hoje arranquei três dentes”. Aí o menino sentiu uma pena muito grande de Ana Frágua, viu como ela estava sofrendo e assim mesmo se dispunha a fazer dele um homem. Foi tanta bondade que viu nos olhos dela que teve coragem de dizer: “É a minha primeira vez”. Ana Frágua deu um riso de boca fechada e olhos murchos.

Aproximou-se, o lenço sempre na boca, e sentou-se ao lado dele com muita delicadeza. Com a mão sem lenço, abaixou-lhe o calção de pano grosso com toda tranqüilidade e elogiou suas partes. “Ah, se eu não tivesse arrancado três dentes...”, lamentou, rindo repuxado. O menino entendeu tudo e sentiu-se mais teso ainda. Era o que ele mais esperava, todos os homens falavam que não tinha coisa melhor, mas com três dentes arrancados ia ser impossível. Aí Ana Frágua puxou uma gaveta na mesinha e tirou um envelope que o fez ficar gelado. Quis botar uma camisinha nele, mas ele não deixou. Tinha medo de murchar, os amigos alertavam. Ana Frágua não insistiu. Antes de se deitar, ela atochou dois dedos no pote grande de creme, se untou entre as pernas e foi se derreando com muito cuidado, a cabeça imóvel. Puxou-o pra cima dela e o conduziu pela primeira vez por caminhos escuros, mas ele nunca viu tanta claridade na escuridão.

Na porta, não, o creme o fez deslizar direitinho, sem nenhuma resistência. Mas, lá mais pro fundo, ela estava que nem caminho arenoso. Estava tão seca que ele teve medo de sair todo esfolado e sangrando depois de tanto socavão. Mas, aos poucos, foi sentindo uma colazinha distante e a coisa foi escorregando melhor, igual estrada que se enlameia depois da chuva. Hora nenhuma ele se esqueceu de que não podia se balançar muito, e Ana Frágua só sacudiu um pouco os quadris ao perceber que ele já vinha com toda a sua força. Solto um leve gemido que ele suspeitou ser dos dentes arrancados. Parece que o gemido apressou nele a enorme labareda e aí ela deu uma boa recuada de corpo, empurrando-o pra fora, e ele se derramou inteiro no lençol, deixando a cama de Ana Frágua toda melada. Ficou meio envergonhado de dar trabalho a ela, que teria de lavar o lençol depois. Parecia ter saído mais do que quando ele respingava na terra seca.

Ana Frágua se levantou depressa e enxugou a baba vermelha que escapulira da boca. O menino se levantou também e viu que os olhos dela acompanhavam ainda seus movimentos de corpo ao vestir o calção. Ele se achou pela primeira vez senhor da vida,

e quando ela disse que ele tinha um pau muito gostoso e que ia dar muita alegria a muitas mulheres no mundo, o pescoço do menino se empertigou de vez, num orgulho tão grande que ele até se esqueceu de deixar o dinheiro e ela nem reclamou.

## BARBA DE ARAME

Ela só sabia dizer que ele tinha uma barba de arame. Quando a beijou, a barba era tão dura que a machucou. Ele a colocou entre as pernas e a deixou tonta com o cheiro de vinho ruim. Por isso ela nem soube como aquilo entrou e a machucou tão fundo. Ele a segurou com força e quase a fazia chorar. Mas no mesmo instante ela sentiu um alívio muito grande. Depois ele a colocou no chão, e foi aí que ela pensou: esse homem é Jesus-Deus, igual ao da folhinha que tem lá em casa.

- Diga a coisa que você mais quer – ele falou abotoando a bermuda.

- Uma latrina.

Ela queria uma latrina, a coisa que mais queria na vida, ela e sua mãe, que vivia pelo mundo da maré para arrumar comida pras duas. Já não agüentava mais comer maçunim e caranguejo. Estava ficando uma mocinha e tinha vergonha de cagar no descampado com os pés quase dentro da água podre, de fazer todas as necessidades assim em campo aberto, correndo quando via alguém, como naquela manhã quando ele a viu mijando na beira do mangue. Só que ele não deu vaia como os outros. Olhou-a com os olhos azuis de Jesus-Deus, sorriu de um jeito tão compreensivo que nem teve medo quando ele se aproximou. Pareceu compreender toda a vergonha que ela sentia. Por isso, foi com ele ver a casa abandonada, ele, tão diferente dos outros que andavam por ali, com aqueles cabelos longos e amarelos.

Ele falou que sim, ia mandar fazer uma latrina bem jóia para ela e a mãe cagarem à vontade sem ninguém ver. Só foi ruim a barba e o cheiro de vinho estragado que vinha de sua boca.

De noite, não contou nada a mãe. Lavara a barra do vestido sujo de sangue, e nas orações, antes de dormir, rezou para ele, pedindo que ele voltasse pra fazer sua latrina. Jesus-Deus ia salvá-la da miséria, a ela e a sua mãe. Nem disse pra ela que tinha encontrado o Jesus da folhinha pra não ouvir mais uma vez a mãe gritar que ela era doida.

Agora, sempre que ia fazer as necessidades, pensava nele. Ficava ali acorada imaginando como seria a sua latrina. Seria melhor que fosse dentro de casa, mas isso era impossível, o barraco mal se sustentava nas estacas. Enquanto ele não vinha, via-o nos sonhos e nem tinha medo.

- Mãe, o que é que sai de dentro do homem?

- Você é ainda muito menina, Luana. Isso é pergunta de quem já se perdeu.

- E o que é se perder?

A mãe não respondia. Respondiam as cachorras no lixo. Ela ficava olhando, aqueles bichos grudados e a meninadas atrás jogando pedra. Um dia a mãe passou e disse: “É isso que é se perder”. Ela aprendeu a lição.

Depois de algum tempo, ela nem sabia medir se era muito ou pouco, ele voltou. Veio numa bicicleta vermelha faiscando, chamou-a e foi direto com ela na garupa para a casa abandonada. Casa mesmo, não, nem telhado tinha. Os cabelos louros brilhavam ainda mais ao meio-dia. A mãe continuava no mangue atrás de siri, peixe, o que fosse. Ele deu a entender que ela estava maior, não era mais uma menina de botar no colo, como da outra vez. Não dava mais pra brincar de cavalinho. Amanhã mesmo ia começar a construir sua latrina, não tinha esquecido. Pediu que ela se deitasse e ela sentiu o cheiro ruim do mangue batendo nas tábuas quase perto do seu corpo. “Feche os olhos”, ele disse, e só os abrisse quando ele mandasse. Assim fez. As mãos dele escorregaram

por suas pernas e ela nem teve medo. Ele meteu a mão pela perna dela e ela com os olhos um pouquinho abertos se lembrou do anjo Gabriel de outra folhinha com sua espada erguida. Ele disse que ela não tivesse medo, era normal tudo que acontecia entre um homem e uma mulher. Que ela já era uma mulher e fosse boazinha. Só. Ela se sentiu grande pela primeira vez, não mais a menina como a mãe a tratava. Ele fez umas coisas diferentes da outra vez e ela só não gostou do visgo que ficou entre as pernas. Depois ele disse que podia abrir os olhos e ela abriu e viu os olhos dele tão azuis e cheios de bondade que quis chorar. Ele tinha cara de quem ia mesmo construir sua latrina.

De noite, não se conteve e disse pra mãe:

- Mãe, Jesus vai fazer uma latrina pra nós.

- Que Jesus, menina?

Calou-se.

Da terceira vez, ele veio acompanhado de mais dois. É agora que vão fazer minha latrina, pensou. Um tinha a cabeça raspada. O outro, parecido com ele, tinha os mesmos cabelos dourados. Ele disse que eram os pedreiros e logo iam começar a fazer a tal latrina. Iam ficar ali só olhando, não tivesse medo. No fim, a mesma coisa da outra vez, aquele visgo entre as pernas que ela lavou na beira do rio. Mas ainda não foi daquela vez que ela teve a latrina. Ele disse que vieram só pra ver quanta madeira precisava.

Dera agora para fazer as necessidades rezando, as rezas que a mãe lhe ensinara quando menina. Não esquecia que Jesus dissera que ela já era uma mulher. E era só ouvir uma catraca de bicicleta para ficar toda atenta, achando que era ele de volta com os irmãos. Mas Jesus nunca mais que vinha. Veio tempos depois, mas sem os cabelos louros, a cabeça toda raspada e um curativo na testa. Foi só por causa dos olhos que ela



o reconheceu. Os olhos de bondade do Jesus da folhinha. Ele falou que dali a pouco ia chegar o material, mas antes tinham de ir lá na casa abandonada. Só que a casinha agora não existia mais, a maré tinha levado. Ele pareceu contrariado e disse que agora tinha de ser na casa dela, senão latrina nunca mais. E quando ele já estava em cima dela, a mãe chegou e ele saiu pulando mangue afora. Ela quis porque quis saber quem era aquele homem e disse que iam ter de ir à delegacia pra fazer os exames.

Após muito esperar, ela entrou sozinha na sala do delegado e lá perguntaram coisas que ela nem sabia responder. Só sabia dizer que ele tinha olhos azuis e uma barba de arame. Na sala fria para onde a levaram depois, mandaram que ela subisse numa cama estreita e veio um doutor que futucou, futucou e nem falou em latrina.

## AS MENINAS DO CORONEL

Dia do coronel chegar no castelo de Dafé era dia de rebuliço, as meninas se ajeitando, muito banho e pedra-pomes, nada de batom e ruge, que o coronel era fogo quanto a essas exigências. Umaz diziam que homem melhor não tinha, outras preferiam calar, falar mal ninguém falava, fazia parte do ajuste.

Sempre escolhia a mais nova, isso de tempos em tempos, para afogar a viuvez, as com cara de anjo, de menina no primário. Mil sussurros, mil silêncios, e ai daquela que não fizesse seus gostos, porque mais dia menos dia Dafé botava pra fora, ficando solta no mundo.

E mal ele ia chegando, as meninas já na sala caprichavam nos decotes. Era público e notório que mão mais aberta não tinha nos baixios do São Francisco. Maria da Fé com respeito, no penhoar verde-água, olha essa, coronel, chegada de Gararu, e essa outra de Barra de São Miguel, meninas novas ainda, de poucos dentes perdidos, cabaço recém-tirado, que as de cancela aberta ele não gostava não.

Todo vestido de preto, o chicote no cabide, o olho experimentado, escolhia as de vasta cabeleira e com ares de criança, rosto de santa menina, e só com a sobrancelha e o franzido da testa apontava a direção, o quarto já preparado, que Maria da Fé sabia de todos os seus preceitos.

A menina assustada tremelicava de medo só de ouvir falar no tal coronel Juvino. E o medo mais crescia quando via a maleta, o velho puxando aquele fio brilhoso, dizendo “tire essa roupa toda pra eu fazer logo o serviço”. Jogava o dinheiro na cama, que boca se cala assim, a espuma ele mexendo pra pincelar os pentelhos que ia raspando

lento, com cuidado, com carinho, afastando bem as pernas, vez em quando um lambitoe, dedo no botão rosado para assim que terminasse a danada estar no ponto. Nada de cabritar, “fique quieta, menina, que o fio da navalha não está pra brincadeira”.

Passado o primeiro susto, a menina se entregava à sorte, ao deus-dará, e já se escorria toda nos dedos do coronel, e toda se contorcia e até ria das graças que ele ia falando, que cajarana era fruta que ele nunca chupava, gostava de sapoti pra afundar bem a boca, que pentelhuda só uma, sua finada Doquinha, que só lhe deu filho homem, que bonito pra valer era xibiu de anjinho, vai ver que era por isso que o Céu se cercava deles, a moça ficando séria diante dessa heresia.

Depois do trabalho pronto, a língua vistoriava as pontas mais atrevidas, que de couro de toucinho ele queria distância. E lá vinha lambe-lambe, língua mole viscorenta, pedindo que a menina se conservasse quieta, como se fosse possível deixar de se contorcer. Aos poucos, aos pouquinhos, os dedões de cada lado da pomba bem depenada, escancelavam com gosto, o repinicar da língua na flor de açucena aflita, o roxo se transformando no vermelho luminoso da romã recém-aberta, a quentura almiscarada que ele sorvia lento, seu mel de arapuá, “é hoje que me acabo”, sem paletó, sem camisa, o anum se desfazendo de sua plumagem negra, mostrando o branco do peito, “paciência, viu, filhinha”, afastando a mão afoita que tateava nas calças em busca do escondido. Mas ele arqueava o corpo e deixava a menina ainda mais curiosa. Agora dizia “venha”, conduzindo a putinha para a bacia com água que a Dafé preparava com folha de alfavaca. A dona toda suada, ele agora em cuecas, a tentação era grande, mas ele logo afastava mão que lhe fosse atrevida, que ele não era homem de dengues e redengues, que precisasse de alguém pra manejar seu instrumento.

“Sente agora levezinha que é pra não espanjar água”, a pele toda lisinha, que menina de berço, os dedos afundando moles, lavando compenetrado vales, montes e

caminhos, se perdendo nos atalhos, o fura-bolo aflito no carocinho de romã, o mar lhe chegando em onda no narigão desossado, ele sentindo agora lhe subir toda a macheza, de fazer qualquer mulher se sentir em paz com Deus. O cheiro da alfavaca misturando à maresia destilava seus venenos, que ele sorvia aos goles como se fosse chorar, a boca afundada em gomas, o borbulhar das carícias, o dedo escorrendo afoito pela picada da bunda, o orifício afanado, que ele vistoriava, a pobre moça impando, prendendo o gemido louco, sem saber o que melhor, continuar no tormento ou que acabasse logo, pondo a mão na cabeça a ponto de correr doida. Ele então se decidia, tirava a coisa rombuda quase assustando a coitada e depois voltava a si, ia pegar a toalha, ainda falta o talquinho pra neném ficar cheirosa. Ela deitava na cama, as pernas escancaradas, já toda entregue ao destino. Ele, os dedos caiados do talco mais perfumado, quase que desfalecendo com perfume tão celeste, ela se agarrando nas barras da cama antiga, também já sem se agüentar, e ele sem querer ajuda, fosse de mão ou de boca, e até que enfim se decidia a montar em cima dela, e logo se arqueando como a segurar o cabresto, se aliviando sozinha num chorado espremido, ai meu Deus que me acabo, ai meu Deus que me acabo, ouvindo o repinicar do sino do meio-dia, espirrando bem distante, quase molhando a parede, pra mostrar que tinha força, e ela toda espantada com final bem melancólico, ele olho no olho, no acinte, se desmontando da égua, mas sem largar o instrumento, que com Juvino era assim, que com coronel era assim, que ele não era doido de meter em qualquer uma pra pegar doença braba, pra estragar sua bimba com as doenças do mundo, e boca-de-siri, sua puta, senão o relho te lambe.